

⊕ Effectivamente, a pag. 39 dos "Documentos apresentados ao Congresso da Rep. em 1920" encontra-se uma nota em inglês com a sua tradução, em que o ministro inglês di ao univ<sup>o</sup> dos estrangeiros Fuire d'audiate que o Gov. de S. M. concorda com a proposta do Presidente do Min<sup>o</sup>. (mandaramos 2 officiaes a Londres, conferenciarem)

da por continuar depois de amanhã. Na sua  
ajuda continuei a querer replicar a diferença  
que havia entre a vinda de um official ou de  
officiaes ingleses a Portugal e a ida a Londres  
de officiaes portuguezes, mas não consegui  
fazer-me entender pelos dois senhores, Dr. A.  
Braz e Dr. P. de Vasconellos.

24 de Setembro

Hoje continuei a conversação. A. Braz  
não compareceu. Eu e o Dr. P. de Vasconellos  
estivemos duas vezes em casa do Presidente do Go-  
verno, uma de tarde e outra à noite. Deitar  
de nada se fez, porque pouco <sup>segundo</sup> depois de eu  
entrar, entraram juntos os ministros de In-  
glaterra e da França por falar com o Dr. Ber-  
nardino. Quando sahiram, este <sup>parecia</sup> ~~estava~~ preoc-  
upado, e <sup>das</sup> ~~seguintes~~ <sup>seguintes</sup> que fez neste oc-  
casião, conclui que o francez queria que  
nós lhe díssemos peças de art.<sup>a</sup>, que ~~que~~  
~~na~~ se falara ou pensou em enviar uma  
divisão e o Bernardino <sup>recomendava a difficulda-</sup> ~~concordava em que~~  
de esta operação <sup>porque</sup> a guerra entre nós e os allemães não era na-  
cional.

Enquanto o Dr. Bernardino esteve con-  
versando com o ministro inglés e francez,  
estive eu e o Dr. Litesas de Vasconellos em  
outra sala conversando. Não consegui fazer  
compreender ao leader do Senado porque  
não deviam ir officiaes portuguezes a In-  
glaterra antes de virem off. ingleses a  
Portugal. Tampouco consegui fazer com-  
preender que eu não podia ser encar-  
regado dessa missão, que eu considerava  
ou de mais ou de menos. De mais se eu  
ia com caracter diplomatico, de menos se

Effectivamente, neste dia, um telegr. enviado pelo M. do Subs. ao M. de Portugal em Londres  
trazia que o Gov. Pedreira, apia-se pelo M. Ingles pedira peças de art.<sup>a</sup>



# NÓS E OS SERVIÇOS

A sua organização é semelhante á nossa—A diferença está no espírito militar e civico dos dois povos

Um considerado escritor militar deu ao *Seculo* o artigo que, relativamente ao exercito servio, publicámos ha dias, n'este mesmo lugar. Nunca, como hoje, houve tamanha necessidade de se versarem questões como estas, que importam á nossa valorisação como elemento militar, útil, em qualquer contingencia, para aliados e amigos, e asseguram-lo tambem a tranquillidade e segurança proprias. E', pois, com prazer que publicamos hoje, ainda sobre a razão das victorias servias e da sua organização militar, em confronto com a nossa, um artigo que outro official, dos que mais se tem dedicado ao progressivo desenvolvimento do exercito portuguez, teve a gentileza de nos oferecer.

Continuam os servios a causar a admiração de todos aqueles que seguem com interesse as operações militares na Boshnia, a ponto de haver entre nós quem queira vêr na lei organica do exercito servio a explicação unica das suas victorias sobre os austriacos.

Não deixa, por isso, de ser interessante e oportuno comparar a organização militar que a Servia tinha em 1912 com a organização militar que atualmente tem a Republica Portuguesa.

O serviço militar é obrigatorio para todos os servios, desde os dezeseite anos até aos cincoenta de idade, a saber:

Dos 21 aos 31, no primeiro bando do exercito nacional;

Dos 31 aos 38, no segundo bando;

Dos 38 aos 45, no terceiro bando;

Dos 17 aos 20 e dos 45 aos 50, na milicia nacional.

O serviço militar em Portugal é obrigatorio desde os dezeseite até aos quarenta e cinco anos, a saber:

Dos 20 aos 30, no exercito ativo (1.º escalão);

Dos 30 aos 40, no exercito de reserva (2.º escalão);

Dos 17 aos 20 e dos 40 aos 45, na reserva territorial (3.º escalão).

As tropas de campanha da Servia formavam:

1 divisão de cavalaria, de 16 esquadões e 2 baterias;

5 divisões *ativas* (1.º bando), tendo cada uma: 4 regimentos de infantaria, a 4 batalhões; um regimento de cavalaria, de 3 esquadões; 9 baterias;

1 divisão de *reserva*, constituída com as tropas do 1.º bando, não incorporadas nas divisões chamadas *ativas*;

5 divisões do 2.º bando, tendo cada uma: 3 regimentos de infantaria, a 4 batalhões; um regimento de cavalaria e um grupo de 3 baterias de 6 peças Bauge;

5 divisões do 3.º bando, tendo cada uma 4 regimentos de infantaria e um esquadão.

As tropas de campanha da Republica Portuguesa formam:

1 brigada de cavalaria, de 12 esquadões, e 2 baterias;

8 divisões *ativas* (1.º escalão), tendo cada uma: 4 regimentos de infantaria, a 3 batalhões; um regimento de cavalaria, de 3 esquadões; 6 ou 9 baterias;

8 divisões de reserva (2.º escalão), tendo cada uma 4 regimentos de infantaria, a 3 batalhões; um esquadão de cavalaria, um grupo de tres baterias de peças Krupp (quando as baterias *ativas* puderem dispensar este material);

Reserva territorial (3.º escalão) constituída por um numero de regimentos e batalhões ainda não fixado.

Como se vê, numericamente, o exercito portuguez não é superior ao da Servia. Não foi, porém, com as verbas inscritas no orçamento do seu ministerio da guerra que a Servia

comprou o material de que estavam dotadas as unidades do seu exercito em 1912.

Sabe o leitor a quanto montavam os empréstimos feitos pela Servia, desde 1902 a 1911? Segundo o que mr. Dutray escreveu no *Journal*, esses empréstimos montavam a 684 milhões e 600 mil francos, ou sejam 136.000 contos, dos quaes a maior parte—101.500 contos—foram obtidos de 1907 a 1911!

Se compararmos o numero de officiaes com vencimentos, isto é, dos quadros permanentes, que figuravam no orçamento do ministerio da guerra servio para 1912, com o numero de officiaes com vencimento no nosso orçamento, veremos que, para as quatro armas, havia na Servia, n'aquella epoca, sensivelmente o mesmo numero que em Portugal—378 officiaes superiores servios para 398 officiaes superiores portuguezes, 1.652 capitães e subalternos servios para 1.634 capitães e subalternos portuguezes—e que a 287 funcionarios militares servios correspondem 382 officiaes portuguezes dos diversos serviços.

O numero de sargentos com vencimento não era tambem grande no exercito servio—2.038; o de cabos era de 2.311 e o de soldados era de 22.553, mas dois terços d'estes andavam licenciados.

Para completar os efetivos de mobilisação contavam os servios, e continuam contando, com officiaes e sargentos de complemento, isto é, milicianos ou *de reserva*; e o deficit de officiaes que ainda assim ficavam tendo preenchiam-no fazendo desempenhar as funções de officiaes por sargentos. Entre nós não tem havido grande entusiasmo pelos quadros milicianos, pelo que se torna necessario que as estações superiores façam cumprir o disposto no artigo 426.º da organização e que, em harmonia com a letra e com o espirito do artigo 424.º, façam voltar a tomar parte nas escolas de quadros, pelo menos como medida transitoria, todos aqueles militares que, embora não tendo satisfeito, logo a primeira vez, as provas de aptidão exigidas para a promoção a official ou sargento miliciano, possuem, contudo, habilitações literarias ou profissionais que os recomendem para vir a desempenhar, em tempo de guerra, funções mais importantes que as de simples soldado.

O tempo obrigatorio de serviço na fileira é, no exercito servio, de dois anos na cavalaria e 18 mezes nas tropas apeadas, mas *dois terços do contingente não estão na fileira mais que seis mezes*. Depois d'este serviço, os militares são chamados anualmente para um serviço de 25 dias.

Em Portugal, o serviço efetivo na fileira é, de facto, de 18 mezes para a cavalaria, 16 a 17 mezes para os homens das tropas apeadas que sejam sorteados para fazer parte do pessoal permanente e quasi 4 ou 5 mezes para os restantes. Mas, emquanto na Servia é um terço que serve mais tempo na fileira efetivamente, em Portugal esse numero tem regulado por 50 % dos incorporados. Os militares licenciados portuguezes são chamados anualmente para um serviço de quinze dias.

Não ha, pois, tambem n'este ponto, uma grande diferença entre o que de facto sucede na Servia e o que se faz em Portugal. E não devemos esquecer que, emquanto a Republica de 5 de outubro de 1910, reduzindo ao minimo actual a presença dos cidadãos nas fileiras, não fez mais que cumprir o que a Democracia vinha exigindo e se prometera cumprir logo que a Republica fosse uma realidade, por isso que Portugal precisava viver em paz com todas as nações e levantar a sua agricultura e as suas indústrias, do estado em que o antigo regimen as deixara.—a Servia não tinha desde a sua fundação outro pensamento, outra necessidade que mais dominasse a sua politica e a opinião publica do que a sua expansão territorial e a posse de uma saída para o mar.

\* \* \*

Com os elementos de que se tem podido dispôr, muito tem conseguido a Republica n'estes tres ultimos anos, principalmente sob o ponto de vista da preparação tecnica e da mobilisação.

A instrução de tiro de guerra não teve ainda, é certo, aquele desenvolvimento que todos lhe desejam, mas ro

motivos ponderosos, mais ou menos conhecidos, o tem impossibilitado. Não obstante, quanto ao tiro de artilharia alguma coisa se está já fazendo que antigamente se não fazia.

As escolas de repetição, que pena foi não se terem realizado este ano, tem dado ás tropas uma qualidade que não tinham outr'ora, a mobilidade, e, ao mesmo tempo que tem vindo preparando os quadros para o comando de efetivos sucessivamente maiores, cada vez mais aproximados dos efetivos que em campanha hão de comandar, tem insinuado no espirito publico disposições que são necessarias para a execução de uma pronta mobilisação.

Todos os officiaes reconhecem que as escolas de quadros, que, regulamentadas em 1913, funcionaram este ano pela primeira vez, eram uma necessidade e que os seus beneficios resultados se hão de acentuar e reconhecer dentro de pouco tempo.

Não era possivel ter feito muito mais em tão pouco tempo. A Republica foi proclamada a 5 de outubro de 1910; a organização militar da Republica Portuguesa foi decretada em meados de 1911, mas só pode começar a executar-se nos seus pormenores em fins d'esse ano, quando o coronel sr. Silveira foi ministro da guerra, que estabeleceu assim um espirito de sequencia a que não estavamos habituados mas que é preciso que se mantenha.

A primeira reforma a realizar no caminho pratico da defesa nacional era o equilibrio orçamental; antes de realisação essa primeira etapa era impossivel realizar a segunda, que é a

aquisição do material de que necessitamos. A preparação tecnica dos quadros não pode desenvolver-se convenientemente sem a aquisição da parte d'esse material.

O aumento dos quadros de complemento deve ser o objeto de uma providencia imediata que faça cumprir inteiramente a lei no seu espirito e na sua letra, sem perder de vista que a *qualidade* só se obtem sucessivamente e não logo do primeiro facto. E são só estes os quadros que nos faltam. Os comandos estão já assegurados: no 1.º escalão até ao da companhia, esquadão ou bateria, inclusivé; no 2.º escalão até ao de batalhão ou grupo; e para o 3.º escalão não faltam tambem officiaes na situação de reserva ou reformados para enquadrar os regimentos e batalhões. Faltam, sim, officiaes subalternos que completem os quadros das companhias, baterias ou esquadões do 1.º escalão, e que, depois, pela sua passagem ás tropas de reserva, vão completar os comandos inferiores ao do batalhão ou grupo dos 2.º e 3.º escalões.

Orde ha diferenças entre a organização militar da Servia e a organização militar de Portugal é na sua execução pratica e na sua compreensão por parte de todos.

Na Servia, contava-se em 1912 com cinco regimentos de cavalaria divisio-naria a 3 esquadões formados com militares licenciados, trazendo o seu cavallo...

Alguns homens da *milicia nacional*, isto é, do ultimo escalão, são obrigados tambem a sustentar cavallo... Os militares do 3.º bando tem as armas (Berdau) em seu poder... Assim o dizem varias publicações, e só assim se explica que a Servia, povo tão pequeno quanto ao numero representativo da sua população, mas tão grande quanto ao seu valor e ao seu esforço, tenha mobilisado para a ultima guerra dos Balkans um exercito de 250.000 homens, todos instruidos, não tendo

Seculo de 27 Sept 1914

eu ia como official. A circumstancia ius- cada de eu ter sido ministro só podia contra- indicar a minha ida como official. Fui in- como diplomate, não parecia o que ficava sendo o Ministro em Londres, e neste caso, eu ia fazer um papel e assumir uma respon- sabilidade com que não estava de accordo. Se fossemos para a guerra, di-ria-ia mais tarde que fôra eu quem compromettera o exercito portuguez que eu devia saber estar falho de tudo; se não fossemos, di-ria-ia que fôra eu quem manobrou para não ir- mos. Ora eu não era governo, nem Conselho de Defeza Nacional.

A' noite, assisti ao jantar do Presiden- te do Governo. Bem seiis esse jantar. Uma canja, uns ovos, um jantar retravegante ou, entao, de dentê. O Dr. Llescau de Vas- concelos replicou de que o partido democra- tico se queizava em materia de politica niteima, e... não se falou mais em ida para Londres ou France. Sai' de lá ~~convencido de~~ <sup>convencido de</sup> ~~prever~~ que as nossas conversações não teriam absolutamente mais sequencia.

Fiquei sem saber ao certo o que queriam de mim, e se eram os ingleses que queriam a nossa Divisao, ou se era o Premier que queria que fôra uma Divisao.

27 Setembro

Em 21 do corrente foi publicado no Becu- lo, em art. do pinto "As victorias dos Ser- vicos". Nesse artigo helicava-se a Organi- zação do Lt.º. Respondi, portanto, com um art. "Nós e os Servicos" no meu jornal que não teve caput replica.

mobilizado mais, não porque os não tivesse instruídos, mas porque não tinha mais armamento.

Um exercito moderno não se organiza sem tres coisas fundamentaes: dinheiro, tempo e boa vontade de todos. Por emquanto, só a ultima condição se tem realizado entre nós, mas essa mesma precisa ser cada vez maior, sobretudo para conseguir a realização da primeira condição: o dinheiro. Não foi simplesmente a lei organica do exercito servio que venceu em 1913 e que está vencendo em 1914; foi principalmente o espirito civico-militar da Servia—não entender espirito militarista—que não é senão um aspeto do seu grande patriotismo.

X.

28 Setembro

Reparte que dei na  
Seculo de 27 Setembro  
ao aut. de 21

29 Setembro

Entrou hontem o cruzador inglez "Argonaut" que vem cumprimentar a Republica. Pelo artejo do secolo junt-se apezicia o que foi, assim como pelas gravuras juntas.

TRIGESIMO O

O SEGULO

UM NAVIO DE GUERRA INGLEZ NO TEJO

janelas do seu gabinete. drs. Alfonso Costa... meida, que a m... vitorioso, aclam... a uniao de todo... O povo e, n'esse... melhor politico... da opiniao publi... cimento, no nos... grande obra de... nossa politica... que correspon... na, assim o que... verdadeiramente... temos uma man... de traduzir essa... pular, acompa... do que reprodu... macoes do povo... -Viva a Ingl... -Viva a Repu...

Inform

O governo, segu... em uma das prim... so da Republica... referimos, para... terio do trabalho... O governa... esta estudando o... rias m Lourenco M... cidade uma esta... cacoao estao ja en... ta construcao de u... to da Avenida 18... hotel na Polana... No governa... hoje parte para... do seu cargo, e... rios despedindo... Foi nomea... celho de Vila... Albano Custodio... tuicao do sr. Pedro... rado d'aquela car... para exercer um... nisterio da justica... Vae ser... relativa a admissa... nisterio das colon... cios colonias. N... multas deficiencias... riao ampladas as... sujeitas a dois gru... cao pratica e out... mados pela metrop... O governa... carregou o sub-cl... governo civil, sr... car os atos do ad... de Setubal.

O almoço na legacao

teve apenas um caracter intimo, fazendo-se ao «toast» e fuz vos brindes a nossa aliada e a suas magestades britannicas. O povo ficou no Terreiro do Paço a expandir o seu entusiasmo e o seu fremente patriotismo. Entretanto, os automoveis conduzindo o almirante e os seus officaes e o consul britanico, livres da multidão, conseguem romper pela rua do Ouro, com quasi todas as janelas engalanadas com bandeiras, em direcao ao Rocio, subindo depois a avenida da Liberdade e passando pela rua Alexandre Herculano, praça do Brazil, Santa Izabel, Estrela, rua dos Navegantes, até a de S. Francisco Borja, onde está instalada a legacao ingleza. Na rua veem-se cordões de policias, sob as ordens dos chefes Silva e Figueiredo e dirigidos pelo capitão Esmeralda, e uma força de cavalaria da guarda republicana. Os officaes inglezes foram recebidos pelo sr. Carnegie, ministro da Inglaterra, iniciando-se o almoço, pouco depois, com a assistencia de «lady» Carnegie, do consul inglez e dos secretarios da legacao, srs. George Young, William Seeds, Oakley e «miss» Lawrance. Ao cabo de uma hora, que tanto durou a refeição, trocaram-se afetosos brindes entre o almirante Robeck e o ministro da Inglaterra, sendo saudadas com entusiasmo e ternura suas magestades britannicas e a marinha da Gran-Bretanha, depois do que os officaes desceram até ao atrio, acompanhados pelo ministro e ministra da Inglaterra, que vestia blusa creme e saia azul, registando os seus nomes no livro dos visitantes e tomando depois lugar em tres automoveis, que imediatamente se dirigiram ao ministerio do interior. No decorrer da refeição foram à legação muitas damas da colonia ingleza, na sua maioria vestidas de branco, a fim de fazerem entrega de panos e roupas para a Cruz Vermelha Ingleza, confeccionados por elas. O povo, que se aglomerava na rua, saudou o almirante e os seus ajudantes, tendo um photographo tirado alguns «films» animatograficos. Também foram à legação inserver os seus nomes muitas pessoas e entre ellas os srs. drs. Alfonso Costa, Antonio Macleira e Levy Marques da Costa e um representante da firma Manuel Teixeira Guimarães & C.ª, oferecendo, sem retribuição, o fornecimento de todos os mantimentos que o «Argonaut» porventura necessitasse.

Nos ministerios

O almirante cumprimenta o chefe do governo e os ministros dos estrangeiros, guerra e marinha. O povo não tem arredado pé do Terreiro do Paço e espera ansioso o regresso do almirante De Robeck. Em frente do ministerio do interior, a multidão é enorme e compacta—de tal maneira que os electricos deixaram novamente de circular. Na arcada forma uma força de infantaria da guarda republicana e ao lado do portão principal a banda de infantaria 16. Passava ás 15 horas quando appareceu o automovel conduzindo o almirante, o ministro da Inglaterra e os dois officaes as ordens. O povo aclamou-os com o mesmo delirante entusiasmo e a banda executou o «God Save the King».

O almirante foi recebido á porta da sala da presidencia do ministerio pelo secretario do sr. dr. Bernardino Machado, passando logo ao gabinete do chefe do governo, ao qual foi apresentado pelo ministro inglez, a quem, depois dos cumprimentos do estylo, exprimiu a sua alta satisfação pelo modo como tinha sido recebido.

Bernardino Machado. Quinze minutos depois entrava no palacio uma longa fila de automoveis, que chegou até ao pateo dos Bichos, apeando-se do primeiro o sr. ministro da guerra e os seus ajudantes, do segundo o almirante inglez e o ministro da Inglaterra, do terceiro os dois officaes as ordens e do ultimo o ministro da marinha com os seus ajudantes.

A força que fazia a guarda de honra fez a continencia militar e a banda executou o hino inglez, que foi ouvido por todas as pessoas de cabeça descoberta, enquanto o almirante e demais officialidade se conservavam em continencia. Na sala das Bicas aguardavam a officialidade ingleza o secretario geral da presidencia, sr. dr. Forbes Bessa e o capitão-tenente sr. Sousa Dias, official ás ordens do sr. presidente da Republica, sendo depois introduzidos na sala Dourada pelo official da presidencia, sr. Luiz Barreto da Cruz, onde já se encontravam o sr. dr. Manuel d'Arriaga e os membros do governo.

A apresentação do contra-almirante inglez foi feita pelo sr. Carnegie. O sr. De Robeck saudou o sr. dr. Manuel d'Arriaga em nome de suas magestades britannicas e do povo inglez, agradecendo o chefe do Estado em breves palavras e na lingua britannica a visita do «Argonaut» e as saudações enviadas, tendo ao mesmo tempo palavras da maior simpatia para a nossa velha aliada.

Findos os discursos, que foram rapidos, o sr. presidente da Republica, acompanhado do ministro inglez, do almirante, dos membros do governo e demais pessoas presentes, dirigiu-se para o terraço do palacio, e seguidamente foi servido chá, bolos e Champagne, tendo-se o sr. presidente demorado a conversar com o almirante e ministro da Gran-Bretanha.

Erão 16 horas e 40 minutos quando terminou a recepção, saindo então os nossos illustres hospedes, que até á porta do palacio foram acompanhados pelos membros do governo, dr. Forbes Bessa e Luiz Barreto.

A saída de Belem, a guarda de honra voltou a apresentar armas, executando a banda da guarda republicana o hino inglez. Na praça de D. Fernando, a grande massa de povo que ali se encontrava rompeu em vibrantes manifestações á Inglaterra, ouvindo-se estridentes vivas á mistura com salvas de palmas, que se repetiram á passagem dos membros do governo.

A partida

O almirante Robeck apparece inasperadamente e no caes das Colunas, embarcando por entre vivas e palmas.

O comandante do «Argonaut» chegou ao Terreiro do Paço, de automovel, com os seus ajudantes, pelas 17.30 horas, sendo por isso diminuta a concorrência de povo n'aquelle local, tanto mais que a sua partida para bordo estava annunciada para as 18 horas.

Comtudo, as pessoas que ali se encontravam fizeram uma calorosa manifestação de simpatia ao almirante inglez e seus ajudantes, o qual, por alguns momentos, permaneceu no Caes das Colunas até que chegou uma vedeta e o levou para bordo.

Alguns vapores que se encontravam no Tejo aguardando a sua partida foram em seu seguimento, acompanhando-o até ao cruzador.

Emquanto isto se passava, já tinha o comandante do «Argonaut», capitão de mar e guerra Raymond Nuguet, acompanhado do consul geral, sr. A. Somers Cocks, e do vice-consul, sr. Hawold E. Jones, ido cum-

Coluna... ra a... ainda... lava e... barcos... nhava... zador... O va... do Est... verno... de Liv... levand... a band... do Te... sua p... bande... nas m... nações... lhardo... O Al... Argona... rada da... da exe... sandav... tamcos... palmas... a vara... lhas, d... e os bo... Outra... d'elles... e paira... do cru... os Ingl... respon... ções, e... hino Ir... Marsell... festejad... Os m... nets... não ce... tempo... com co... ções q... sol, a... o cerin... ouvind... tados... javam... A bo... tro da... que, pe... a escad... deta q... senal... frente... salvava... a mar... bras. A... logo a... rava p... Na 16... Campos... gentos... le, sina... bonnet... tir par... segunt... Campos... «O p... seu cr... terra»... De b... «Quei... tos con... E ah... por me... pôr ter... zes par... e respo... outra s... proxim... vam p... os mar... comend... vani... A's 19... a ícar... depois...

teama... de inverno, 3 par... O bilhete falso, 3... permanentes

29 Setembro

Entrou hontem o cruzador inglez "Argonaut" que vem cumprimentar a Republica. Pelo aspecto do casco jinto se aprecia o que foi, assim como pelas gravuras juntas.

Recebi ai hoje, no Quartel, o mappa m/19 de Regulamento de Requisições militares que me faltava para completar os documentos de mobilizacao. Em 2 de set. comuniquei por a Brigada de Cav. que tinha tudo estudado, tudo o que estava me remeio mais estudar, mas que me faltava o mappa m/19 e as indicações para a renovação de commissões de commissões e deitamentos de recepção assem com os mappes m/16 de material a receber. Pois em 5 devolviam-me os documentos porque não estavam todos os que o Regulamento mandava, quando me parte delle fora mandada em Janeiro. Sempre papelistas!

29-9-1914

**EDEN TEA**  
(Ciclo teatr)

**HOJE**

Atenta a curta ser petaculos que esta co pode efetuar, vão te ultimas representaç lebre opereta portu

**Burro do sr. A**

Na proxima quinta 1.ª recita da moda— ca representação da opera comica de AMOR DE MASCARA

A seguir em 2.ª assinatura, reaparece gre opereta GASTA sendo a protagonista do com a illustre ar mira Bastos, representa insigne atriz Cr Oliveira.

Brevemente a revista AZUL.

**OS CINCO SEI**



Vêr sempre a qualidade nos dos Celibros de A Celebre Casouras.

Ouvir, o que toda gente diz que são os melhores e que é o agasalho mais comodo e mais conveniente.



Cheirar apreciar a qualidade da desde 2

Apalpar os bellos forros dos nossos fatos que ha feitos e se executam em 10 horas.



Gostar no rigor só da Celibros das Tesour Clemente, E. Politecni

entusiasticos... adas. O grupo... Associa... a classe dos... ustria envia... o comandan... e da camara... guarda repu... do Norte... tidades e cl... ao sr. presi... a Inglaterra... saudando-os... boa d'aquelle... des... bido no ml... ube-se que... sr. dr. Al... cretario da... te n'aquela... ezes tomou... residente do... lvo, a qual... governo... Vicente de... o gover... S. Gabriel... canhoneira... Lidador... publicado o... ndigena no... n com o m... Martins de... rito, e com... tado sr. Pe... le interesse... tem apra... presidentes... e Lisboa e... rreiras de... ps, Africa e... ção do Gre... boatos re... d'uma egre... embaixada... soluções so... de Carva... convidados... mbra e Bra... que declina... inatura pre... lo o acordo... ncia de Mo... na, para a... raes... u pediu au... os distintos... os que te... para aque... antauense e... as relações... es, mas sim... o de Vizeu... argo, pedido... ro do inte... RROCOS... hoje rece... am não se... ificação na... a parte ab... S... de 1 de ou... 'apalpar'... 'as o 'epias' S

1 de Outubro

O Seculo de hoje traz o seguinte:

**PORTUGAL NA GUERRA?**

**Um corpo expedicionario portuguez prepara-se para seguir para o teatro das operações, ao que se afirma**

Parece que nos ultimos dias se tem trocado impressões mais concretas entre os governos de Londres e de Lisboa acerca da guerra europea.

Aproxima-se o momento em que teremos de tomar parte no conflito, ao lado da Inglaterra.

Segundo informações que temos por seguras, foram-nos principalmente pedidas forças da arma de artilharia, mas parece estar já assente que numerosas baterias serão também acompanhadas por tropas de infantaria, constituindo o primeiro corpo expedicionario uma divisão completa. O general comandante será um dos mais illustres chefes do nosso exercito e que foi da arma de artilharia. Todas as baterias serão Canét.

A seguir a essa divisão, na força aproximada de 16.000 homens, serão mobilizadas, ao que se diz, outras, com identico destino, tomando, por fim, o comando do corpo expedicionario um general que tem na actualidade um dos mais altos cargos do exercito.

Além das divisões de terra, será organizada, ao que se diz, uma brigada naval, de dois a tres mil homens.

Devemos esclarecer que estas informações não tem character official, mas que temos razões para as considerar fundamentadas.

O sr. ministro da guerra teve hontem á noite uma demorada conferencia com o sr. presidente do ministerio, parece que sobre este assunto.

É sou informado, com muita reserva, de que é verdade isto, e de que o general é o Jayme de Castro!

No Estado-Maior estes se fazem os seus meacões do off. de Lit. Maior que devem

ir com a duas divisões.

Que quer isto dizer? A hypotese pedir isto? Mas eutão já não é preciso ir ninguém a Londres? Para que servia a minha ida se isto esteve já tão adiantado? Era eutão como official que eu ia? Como se cobria esta qualidade com a de antigo ministro da guerra que o Bernardim invocava? E que ia eu official fazer? Que grande embroglio! Que grande comedia!

2 de Outubro

Continuam os jornais a dizer que vão tropas para França. Vide o que diz o Seculo no verso

3 de Outubro

Vide o que diz o Seculo



# PORTUGAL PREPARANDO-SE PARA A GUERRA

Finalmente, acabaram-se as hesitações, os receios, a política dubia, que parecia estar sendo a norma do actual ministerio ou ser, pelo menos, a de alguns ministros. Compreendeu-se, enfim, que, depois da historica e memorável sessão do parlamento, em que o paiz se colocou ao lado da Inglaterra no actual conflito, e depois das manifestações populares que se fizeram no mesmo sentido, seriam perfeitamente inúteis e absurdas todas as tentativas que se fizessem no sentido de contrariar a forte corrente da opinião publica em favor da nossa acção militar junto do exercito anglo-françes.

Conforme noticiámos hontem, prepara-se um primeiro corpo expedicionario de tropas portuguezas para tomar parte na grande guerra. Esta noticia tem sido acolhida com o maior entusiasmo, tanto ella corresponde a uma ardente aspiração nacional.

Se acaso alguém, até á ultima hora, receou que os timoratos, que tem procurado estabelecer corrente a favor da nossa neutralidade, tenham conseguido determinar na opinião publica uma tendencia contra a nossa intervenção na guerra europea, certamente adquirirá agora a convicção de que foi malograda a campanha feita e que ella não encontrou o mais pequeno eco no espirito popular. Portugal está decididamente, d'alma e coração, ao lado dos povos que se estão batendo pela liberdade e pela civilização e é debalde que alguém possa pretender opôr-se á corrente geral.

Quando o *Seculo*, impressionado pelas hesitações que pareciam notar-se no actual ministerio, em relação á possibilidade de irmos a tomar parte no conflito, aqui consignou o facto, considerando-o um erro da parte do governo e afirmando a sua não solidariedade com essa attitude dubia, fê-lo na convicção de que cumpría um dever para com a nação e de que assim correspondia ao sentimento de todo o paiz. Não temos compromissos de politica partidaria, nem o proposito de hostilisar qualquer governo da Republica. Em relação a este, o proprio *Seculo* foi o primeiro a apoiá-lo desde o dia em que começaram a fazer-se as necessarias *démarches* para o organizar, sendo, portanto, de todo o ponto insuspeitos os reparos que á politica do actual gabinete temos, uma ou outra vez, feito. Mas, acima de todas as nossas sympathias, estão os supremos interesses da nação.

Apraz-nos, por isso, hoje aplaudir a attitude decisiva do governo, afastando-se definitivamente d'aquella politica de doblez, que parecia constituir o ideal de um ou outro colaborador do sr. dr. Bernardino Machado. Vamos entrar, enfim, no verdadeiro caminho a seguir, se queremos defender a nossa situação internacional e valorisá-la n'este momento, em que todas as tibezas nos podem ser prejudiciaes.

As nações da Triple-Entente assentaram já em não admitir á conferencia da paz senão as potencias beligerantes. A nossa neutralidade traria, pois, como consequencia o tirar-nos

o direito de voto a respeito de um assunto que teria, manifestamente, toda a importancia para nós. O reduzido numero dos que, defendendo uma tal neutralidade, a queriam basear no nosso proprio interesse nacional parecia esquecer que somos uma potencia colonial.

Precisavamos levantar o prestigio do paiz, que os ultimos anos de monarchia tanto contribuíram para rebaixar. Precisavamos garantir o nosso logar ao lado das outras potencias e mostrar ainda o valor de que os portuguezes sabem dar mostras. E com o levantamento do prestigio do paiz, devido, principalmente, á acção politica da Republica, nós teriamos definitivamente firmado, d'uma vez para sempre, a superioridade das nossas instituições sobre o passado regimen.

Só o não viam os que não queriam vêr. E só o não queriam vêr, por isso mesmo, os que não sentem paixão pela Republica.

Mas, independentemente d'estas razões, ha, sobretudo, a questão moral. O povo portuguez custar-lhe-hia a resignar-se a não lavar, d'uma maneira concreta, o seu protesto contra as infrações do direito internacional que tem sido praticadas pelos alemães, no mais manifesto desrespeito pelos sentimentos de humanidade. O povo portuguez, de espirito eminentemente liberal, suportaria com desgosto vêr-se impossibilitado de contribuir também, na medida das suas forças, por exiguas que fossem, para deter a onda imperialista que pretendia esmagar a Europa, destruindo todas as conquistas que os povos tem feito no sentido da liberdade.

O povo portuguez é de indole pacifica e amavel. Detesta a guerra pela guerra. Mas da guerra actual está dependente o futuro da Europa, a propria tranquillidade dos povos e porventura uma longa era de pacificação e de avanço para novas regalias democraticas. E por isso ele compreende que n'este momento o seu dever é precisamente caminhar para os campos da batalha.

Estamos prestes a satisfazer os nossos compromissos contraídos para com a Inglaterra, como seus aliados. Importa já pouco, n'este momento, discutir se os nossos tratados de aliança nos obrigavam a este sacrificio. Se porventura vamos um pouco além de aquilo a que para com a Inglaterra somos obrigados, isso não pode senão ser-nos util, por termos aproveitado o ensejo de, perante a nação ingleza, termos praticamente demonstrado como sabemos compreender, sem subterfugios, sem habilidades interpretativas, qual o papel d'uma nação para com a aliada n'uma hora de perigo.

De resto, e é este o facto eloquente que Portugal vai demonstrar: na guerra actual o nosso maior sacrificio não seria tanto o de n'ela tomar parte, como exactamente o de d'ela ficarmos arredados, como um valor desprezível e inaproveitada, justamente quando a grande, a genuina, a unanime opinião nacional está inteiramente ao lado das justas aspirações dos povos que n'este momento se batem contra a barbarie germanica.

# MOBILISAÇÃO MILITAR

## Confirma-se a nossa cooperação junto da Inglaterra e da França

A noticia que hontem publicámos sobre a partida de tropas portuguezas para o teatro da guerra causou em Lisboa enorme sensação.

Essa informação, que em absoluto confirmamos, produziu excelente impressão no espirito publico, que de ha muito reclamava porque Portugal entrasse no caminho de uma politica clara e sem tibezas.

Efectivamente, o governo inglez pediu, de preferencia, que lhe fossem enviadas tropas de artilharia, não querendo isto, porém, significar que, com ellas, não sejam também forças de outras armas que as apoiem e ajudem.

E' contudo, provavel que em primeiro logar parta a artilharia, a que pudermos dispor, cerca de 200 peças e respectivo munitamento, do sistema Canet, de 7,5 centímetros.

O comandante d'este primeiro corpo expedicionario será, ao que se afirma, o general sr. Jaime Leitão de Castro, official que no exercito dispõe de verdadeiro prestigio pelas altas qualidades do comando de que tem dado bastas provas.

O general Leitão de Castro nasceu a 16 de fevereiro de 1852, contando, portanto, 62 annos de idade. Assentou praça em julho de 1869 e em 1875 foi promovido a alferes, a tenente em 1877, a capitão em 1883, a major em 1894, a tenente coronel em 1900, a coronel em 1909 e a general já na vigencia da Republica, em junho de 1911.

Aluno distinto do Colegio Militar, como official serviu quasi sempre no regimento de artilharia 1, tendo feito parte da expedição a Mecambique, e foi 2.º comandante da Escola de Guerra. O sr. Jaime Leitão de Castro rege, pois, todas as qualidades para bem desempenhar a alta missão que lhe vai ser confiada.

Ainda ampliando as nossas informações, a cooperação militar portugueza será tratada, ao que ouvimos, sob o ponto de vista tecnico por dois officiaes que, para esse efeito, irão a Inglaterra, e que se diz serão os srs. Garcia Rosado, do estado maior, e Ivens Ferraz, d'artilharia. Por sua vez a Inglaterra cometerá identico encargo a dois officiaes britannicos, que brevemente deverão chegar ao nosso paiz.

Tambem para se ocupar do mesmo assunto, visitou-nos, ultimamente, o official francez, tenente coronel de cavalaria com o curso do estado maior mr. Tillion, e que exerce o cargo de adido militar junto das legações de Lisboa e Madrid, e que, simultaneamente, junto de alguns fabricantes portuguezes tratou do fornecimento de varios utensilios para o exercito francez.

E' natural que aos nossos marinheiros seja tambem pedida a sua cooperação para fazerem parte do corpo expedicionario a enviar para a França. Chamando-se a primeira e segunda reservas, poder-se-hia constituir uma brigada de 4.000 homens, com um nucleo importante de artilheiros, telegrafistas e outras especialidades, e que nenhuma falta farão ás tripulações dos nossos navios. O sr. Massano de Amorim, quando partiu para a Africa, disse que tomara o compromisso, no caso de ser preciso, de organizar um corpo expedicionario de landins e macúas, de 25.000 homens, que poderiam ser armados com Kropatchek, e que são magnificos soldados.

Os preparativos de mobilização continuam afanosamente. De dia e noite trabalha-se ativamente no Arsenal do Exercito, na Cordoaria e no Deposito Geral de Fardamentos, trabalhando n'este ultimo estabelecimento 1.200 pessoas, das quaes 300 costureiras que exclusivamente se empregam na confecção de fatos. Na Cordoaria estão-se fazendo 90.000 bornaes.

Ao ministro da guerra foi hontem presente um novo plano de fardamentos para o exercito, para operações no inverno, feito do pano que hoje se emprega para os capotes, cinzento, tendo um pequeno bolso interior, para o panso individual.

Ao que consta, tambem, a primeira divisão a partir para o teatro das operações será a 2.ª.

A comissão de remonta foi encarregada de adquirir grande quantidade de gado mular em numero de 2.500 cabeças e alguns cavalos para o exercito, tendo iniciado hontem os seus trabalhos n'esse sentido nos arredores de Lisboa. A comissão officiou aos grandes negociantes d'aquellas especies, perguntando-lhes de quantas cabeças de gado dispunham para venda e aos administradores de concelho para que lhe indicassem, sabendo, quem possuia gado mular de que possa dispor. No caso de não ser possivel adquirir em Portugal o numero de solpedes de que se precisa, o governo tencio-

na recorrer á Argentina para cobrir esse deficit.

O presidente do ministerio esteve hontem na legação de Inglaterra, onde se demorou algum tempo com o representante da nação aliada, dirigindo-se depois á legação da França, onde conferenciou com o respectivo ministro.

5 de Outubro 1914

Faz hoje 4 annos que se proclamou a Republica e que eu assumi as funccoes de chefe do Lt.º Main da 1.ª Divisao, nomea do por decreto do Governo Provisorio, assina do pelo Dr. Antonio Jose de Almeida, a pedido do Manuel de Brito Camacho! Que voltas em 4 annos!

Continuo a saber que se pensa em mandar uma divisao pelo mar, para Franca. Mas nao me consta que se tenha providenciado enegremente no sentido de obter numerosos bauls de infantaria como de artilharia na quantidade necessaria. E o que temos em Angola?

Veio um neto francez cumprimentar a Republica. Veji-se a descever no deulo junto.

9 de Outubro

Cuiss e interessante o artigo de fundo do Seculo de hoje. Chama patavata ao chefe dos evolucionistas. Pate no reinista dos estrangeiros Freia de Andrade.

Em outro ponto, sob a rubrica "Politica dos neutros" combate e trace a neutralidade do pais. Esta tudo teso como se vê. E uma pessoa sem poder gritar que nao podemos com uma gata pelo rato! E o per e' que se atria com a clausificacao de cober de per eua de todo aquelle que pre seu deusa a possibilidade de nos se participacao no quere europeu.

7-10-1914  
D. Olimpia Soares, professora da  
Bemfica esmolas de 50 centavos  
dos indigentes; da parochia  
escolas de 60 centavos cada  
pobres e ainda as esmolas do leg  
te Faria, sendo contemplado com  
cada pobre; de 2, Tiago esmolas  
freguezia, de 50 centavos cada u  
nte esmolas a 120 pobres da freg  
centavos cada uma, sendo a dit  
no Centro Dr. Alexandre Braga  
e um budo a cerca de 160 pob  
de arroz, toucinho, chourico,  
10 centavos em dinheiro; do S  
astelo esmolas a varios pobres;  
Monte Pedral, no Centro Repu  
Boto Machado, esmolas a 267  
da um dos quaes recebem 30 ce  
to Estevao, no Centro Dr. Albe  
aos pobres da freguezia, se  
ma a quantia de 30 centavos;  
as de 50 centavos a cada pob  
distribuição continuar hoje; de  
hodo a 30 pobres, sendo cada  
com meio kilo de bacalhau, m  
o, meio kilo de arroz, meio kilo  
de massa e 10 centavos em  
as juntas de parochia de Sar  
tos, Alcantara e Belem dist  
quantias que lhes foram ent  
os pobres das suas freguez  
a Municipal de Lisboa.  
Republicano Miguel Bombar  
m lanche ás crianças, pelas  
tando de vitela assada, frut  
os de pasto e licorosos. Fal  
to o sr. José Caetano Ferrel  
a sr.ª D. Luiza Amaro e o  
tes da Fonseca, enaltecen  
ra do Centro. Durante a tes  
pe Recreativa.  
F. da Silva, com armazem  
na rua Anchieta, 5 e 7, dist  
obres, por meio de senhas, t  
até a cada um.  
ontra o Aperto de Mão, fund  
e março de 1911 na rua de  
distribuiu pelas 10 horas, a  
las de 30 centavos a cada u  
te de Instrução Militar Prep  
distribuiu por 50 pobres, pã  
toucinho, chourico e 10 ce  
a um. Flzeram a distribuiçã  
laudina Adelaide Souto Qui  
ua Emilia da Silva Braga, I  
D. Maria da Conceição Az  
lia da Encarnação e D. Mar  
iz Martins, Carlos Queiro  
e João Martins, representar  
volucionista de Santa Izab  
Dr. Manuel d'Arriaga, distr  
pobres, arroz, batatas, feijã  
e 10 centavos a cada um.  
a maneira correta como  
policia civil de Lisboa ul  
tem conduzido e em come  
4.º aniversario da Republica  
Pestana, comandante da po  
que ficassem sem effeito a  
culhas e suspensao applicada  
ne foram encontrados a fu  
rsar nos respectivos postos.  
**encia da Republica**  
muitos telegramas de fel  
citação  
da Republica recebeu tele  
citações dos srs.:  
Rodrigues Branco, comandant  
Azeiro; coronel José Cristian  
nte de Infantaria 24; Coman  
upo de metralhadoras; corone  
deira, comandante do infant  
da canhoneira Limpopo; Go  
consul em Tux; general Madu  
Carlos Barros, João de Bar  
Rodrigues, governador civil d  
Centro Escolar Republicant  
ador civil substituto de Beja  
lla Romaris, Caldeias; comis  
Lordele, Ramires Guedes, go  
o Verde; João da Costa Car  
overnador civil do Porto; go  
lo municipio de Porto, Soares  
guarnição de Chaves, comis  
amara municipal de Goes, Ca  
meida, camara municipal de  
ministro de Portugal em Hes  
o porto da Povoas do Varzim,  
republicana de Estremoz; di  
republicana de Beja, Luis

# PORTUGUEZES NA GUERRA

**A nossa primeira divisão a partir levará 48 peças, 4 regimentos de infantaria e um de cavalaria**

Os trabalhos de mobilização não afluam em todos os depositos do exercito. Já não oferece duvidas que uma divisão de forças portuguezas seguirá, talvez muito brevemente, a cooperar com os nossos aliados na grande luta pela Liberdade e pela Justiça em que elles andam empenhados.

Varias versões tem corrido sobre o assunto, muitas d'ellas, sem duvida, condimentadas com o costumado exagero. As nossas informações—como é obvio—são collidas fóra das regiões officiaes, que se conservam de um mutismo absoluto. No entanto, não andarão muito longe da verdade, estamos certos.

A maneira como será organizada a primeira divisão a partir parece que obedecerá a um plano especial, e que não pode deixar de ser sensato e racional. De resto, reconhecido que a nova lei da reorganização do exercito ainda não teve tempo para ser executada em cada uma das suas partes, e, portanto, para se afirmar na sua plena superioridade sobre a antiga, comprehende-se facilmente que cada uma das divisões do nosso exercito não possui, por enquanto, elementos bastantes para ser posta em pé de guerra.

A acrescentar a isto, ha tambem a preocupação de não sobrecarregar em especial uma determinada região do país, em beneficio de outras. Por esses motivos, portanto, é provavel que a organização da primeira divisão expedicionaria obedeça a um plano especial. Essa divisão será constituída por quatro grupos de tres baterias de artilharia cada um, tendo cada bateria quatro peças. Os quatro grupos serão comandados por outros tantos maiores, perlazendo ao todo 48 peças, com cerca de 2.000 soldados. Depois d'este, é provavel que siga mais material de artilharia, porque parece ser d'este que as tropas aliadas mais necessitam.

A divisão será completada por quatro regimentos de infantaria, a 3.000 homens cada um, e um regimento de cavalaria, a quatro esquadras, com cerca de 600 cavalos ao todo.

Serão, portanto, estas as nossas forças expedicionarias. Mas só estas? Ao que se diz tambem, ellas serão apenas as primeiras. Porém, voltamos a dizer, as nossas informações, embora em todo o ponto dignas de credito, não tem caracter algum official. Ha a contar, além de tudo, com as tropas auxiliares; engenharía, saúde, etc.

## Uma divisão de marinha seguirá para a guerra?

Diziamos hontem que se poderia organizar um contingente naval para tomar parte na campanha.

Certamente para demonstrar a impossibilidade de o fazer houve quem se entre-

tivesse a confeccionar esta lista do pessoal existente na armada:

No quartel de marinheiros, 1:104 praças; no Tejo, 1:512; nas ilhas, 246; na Escola de Artilharia, 198; na Escola de Torpedos, 197; marinha colonial, 259; escolas de alunos marinheiros, 130; esquadilha fiscal de costa, 200; no hospital da Marinha, 32; e no estrangeiro, 3. Total do efetivo, incluindo navios, 3:881.

Na reserva existem 300 homens, o que perfaz 4:181 homens.

Não é bem assim. A reserva é de 800 e não de 300 homens, o que dá 4:681 homens. Mas ainda ha mais gente em lanchões, rebocadores e outras occupações facilmente preenchíveis até por fragateiros.

Ora como para os navios bastam 1:500 homens, vê-se que, com boa vontade, se pode arranjar um destacamento de boa gente por isso mesmo da maior utilidade.

O capitão-tenente, nosso amigo, sr. Leite do Rego, que na imprensa e em conferencias publicas tem, desde o começo da guerra, pugnado pela necessidade de prepararmos forças de mar e terra para auxiliarem os aliados, visto o parlamento ter votado a não neutralidade, ofereceu-se para fazer parte de qualquer contingente naval que tenha de partir.

Consta que alguns officiaes vão alvitrar a criação de cursos praticos de francez e inglez nos corpo do exercito, destinados a propagar o conhecimento não só d'aquellas linguas, como de assuntos militares que convém conhecer de perto, na eventualidade de darmos o nosso concurso aos exercitos dos aliados no campo da batalha. Os cursos serão gratuitos.

Já tem sido adquirido bastante gado mular, parte do qual se encontra em artilharia.

A proposito das aquisições de solpedes, foi determinado que na importação temporaria dos que, vindos de Hespanha, se destinam ás feiras de gado a que costumam concorrer as comissões de remonta do exercito, guarda fiscal e guarda republicana, sejam observadas as disposições regulamentares em que se indicam as delegações fiscaes por onde podem entrar; fórma como hão de efetuar-se os respectivos despachos; prazos para a importação; reexportação dos solpedes e inutilização dos selos que n'elles estiverem apostos.

Bernardo Lopes, construtor civil diplomado, rua Tomaz d'Anunciação, 51, oferece ao nosso governo os seus prestimos, a fim de combater ao lado da Inglaterra e da França e põe tambem á disposição do governo um cavallo e uma carroça.

O Club Recreativo Lusitano resolveu suspender o recebimento de quotas aos socios que sejam chamados a combater ao lado da França e da Inglaterra, mantendo-lhes, porém, todas as regalias como antes d'aquella suspensão.

# INTERVENÇÃO D'UM PATARATA

Mais cedo do que tencionavamos, temos de voltar a ocupar-nos do caso Freire de Andrade.

Força-nos a isso a petulante arremetida d'um jornal da manhã de hontem, que nos acusa de ter praticado uma *ação condenavel (!)*, que *feriu em cheio* (nada mais, nada menos) *o coração da Republica!*

Ora, em que consistiu o facto horrivel que o tal jornal verberou com tão notavel indignação? Em termos referido as declarações feitas pelo ministro dos negocios estrangeiros a uma comissão delegada da Universidade Livre, por motivo da manifestação de protesto contra as selvagerias alemãs em França e na Belgica.

Só isto. E porque se indignou esse notavel patriota, que nunca, pela palavra *nunca*, causou o menor dissabor á Republica, nem até mesmo quando ameaçava de lançar o archote inflamado ao seio das multidões, nem quando promovia os passeios tragicopatúsicos de Alcantara a Belem, nem quando dava guarida carinhosa a torpes e miseraveis calunias contra adversarios politicos, embora elles fossem dos mais notaveis e prestigiosos homens da Republica, antigos companheiros seus de luta e de sacrificios?

Porque tem como certo que *as declarações atribuidas a Freire de Andrade não são exatas*.

A razão é de peso e dá bem a medida do que vale essa cabeça d'allho!

E' claro que se nós não estivéssemos precisantemente convencidos do contrario não lhes teríamos dado publicidade.

Mas não só, então, não tínhamos razão para duvidar da autenticidade de essas declarações, como não a temos hoje. As declarações que no *Seculo* se atribuíram ao sr. Freire de Andrade foram a reprodução fiel do que a um dos redatores d'este jornal fizeram membros da comissão aludida. E tanto assim que, tendo sido enviada a todos os jornaes—menos ao *Seculo*—uma nota officiosa, tendente a atenuar o efeito d'essas declarações, nota que apesar d'isso publicámos, pelos mesmos membros da comissão fomos autorisados a confirmar a *exatidão da nossa narrativa*. E só n'isso não insistimos, por n'ol-o haver solicitado alguém que, todavia, nem é ministro, nem tem, que saibamos, filiação alguma partidaria, embora seja um velho republicano e grande patriota.

A nossa attitude modificou-se, portanto, não por nos termos convencido de haver errado, mas por um sentimento de consideração pessoal, e isto só *temporariamente*.

Fique-o sabendo, se o não havia ainda comprehendido, o solerte contraditor.

Mas se as declarações eram graves, como reconhecemos, porque as reproduzimos?—objeta.

E' por esta fórma que, entre nós, cer-

*Seculo de 3 de Outubro 1914*

*Seculo de 9 Out. 1914*

tos menestres, com aspirações a notórias de Estado, comprehendem o interesse publico e a dignidade do poder. Certo ministro permitiu-se fazer affirmações que estão não só em desacordo com o sentimento da maioria do país, mas com os compromissos e interesses da mesma nação, publica e solentemente expressos. Que deve fazer-se?

Na opinião d'elles, fazer pesar sobre ellas o mais absoluto silencio. Segundo o nosso modo de sentir, o dever patriótico é precisamente o contrario: mostrar a incompatibilidade do estado d'alhana d'esse ministro com o sentimento e a vontade do país. Certamente que o ministro pode pessoalmente agasallar a opinião de que devemos ter, por exemplo, uma attitude de maior sympathia para a Alemanha do que para a França.

O que esse ministro não pode, n'este momento historico, é ser o dirigente das relações exteriores da Republica Portuguesa; porque ha um abismo entre o modo de ver d'esse ministro e o modo por que a nação encara os seus maiores interesses.

Em que é, pois, que, tornado publico esse conflicto, o *Seculo* attentou na da mais, nada menos, que contra o coração da Republica, como enfaticamente proclama o jornal da manhã?

Por muito que certos politicos se surpreendam, insistimos mais uma vez em declarar-lhes que a queda d'um ministro ou a desvantagem que d'ela resulte para um ou varios grupos politicos não reveste para nós o aspecto d'uma calamidade publica.

E esta é, no fundo, a causa de toda a barulheira.

Portanto, aqui nos tem continuamos no erro e *dispostos a remediar n'elle* todas as vezes que nos pareça que assim convém ao interesse da nação.

Que os pobres diabos que—collados!—não sabendo aconselhar-se a si mesmos, passem a vida a continuar a cabeça nas paredes por não virem um palmo adiante do nariz, se dispensem da pretensão de nos empossarem as luzes do seu confuso entendimento para apreciarão do que devemos fazer em bem da Patria e da Republica.

E, outro officio, srn?

15 de Outubro 1914

Ha dias que fui cumprimentar o Affonso Costa por ter regressado da Figueira. Fui ao escritorio d'elle na R. do Sapateiro, Falámos sobre a ida de tropas para France. Soube por elle que os francezes tinham pedido as nossas peças de 7,5 e que o ministro da guerra lhes dissera que peças só não dava, mas que ellas podva mandar fazendo parte de uma divisão com todos os serviços. O Affonso perguntou-me a minha opinião sobre esta proposta. Achei bem, em conformidade com a nossa definição de attitude de 7 de Agosto. O Affonso disse-me então que o ministro inglês andava a ver se conciliava todos os interesses com a nossa proposta, aceitando a ida de divisão, mas pedindo que as peças vão primeiro — não as da divisão, mas outras que vão como auxilios em material. Não pude deixar de dizer ao Affonso o que pensava a cerca da inação do ministro que ainda agora ia cumprir gado por a actualização de tal divisão. Respliquei ao Affonso ~~Depois~~ as conversações que tinha tido com o Bernardino em Setembro, e disse-lhe novamente que elle não se devia o que queria que eu fosse fazer. Depois de sair, começou a former-se no meu espirito a suspeita de que o governo pretendia simpôr aos ingleses a aceitação de uma divisão. Será verdade? Compreendendo ~~o~~ a resposta do ministro da guerra e concordando com

# Propaganda anti-patriótica

Inegavelmente lavra uma certa confusão nos espiritos, e bom será que, para que d'ahi não resulte dano, a situação se esclareça.

Essa confusão provém da falta de uma conveniente homogeneidade no governo e das manobras anti-patrióticas dos reacionarios e de certos republicanos posticos, a quem sobressalta o perigo de uma participação provavel na luta armada que ensanguenta a Europa.

Ninguém em Portugal ama a guerra pela guerra. Não temos, nem ofensas a vingar, nem appetites de dominio a satisfazer. Vivendo n'uma democracia, não podemos agasalhar outros sentimentos que não sejam de amor pelo progresso, dentro de uma paz honrada.

Portugal, porém, é uma nação de reduzida área territorial e de população minguada, possuindo, contudo, um enorme imperio colonial, que muitas ambições espreitam. Por isso mesmo não pode viver isolado, confiado nas suas proprias forças, entregue aos seus proprios recursos. Não ponde manter essa politica de isolamento, que tinha gloriosas tradições e atagava o seu orgulho legitimo, a poderosa Inglaterra. Ora, por um conjunto de circunstancias que, por conhecidas, não ha necessidade de enumerar agora, a politica externa de Portugal tem como ponto de apoio a aliança ingleza. Esta aliança não pode ser um simples enfeite historico, ou uma combinação, dentro da qual só haveriamos de contar beneficios, sem correremos nenhuns riscos, nem nos sujeitarmos a sacrificios. A aliança é, evidentemente, para nós uma força poderosa, com que podemos deter os impetus das mais ousadas ambições que porventura ameaçassem, algum dia, a integridade do territorio portuguez ou a independencia da nação. Esse apoio, essa força, esse auxilio não se mantem nem se garantem senão pela dedicação leal e decidida com que soubermos corresponder ás necessidades da Inglaterra.

Na hora do perigo, ou na hora do sacrificio, não poderiamos faltar, com tudo quanto depender do nosso esforço, ao que a nação aliada entenda dever solicitar de nós.

Assim o entendeu o parlamento, n'uma sessão que, pela concordancia das varias facções politicas, é uma das mais belas afirmações da solidariedade republicana.

Que convem, portanto? Mantermo-nos dentro d'esse compromisso e aguardar com serenidade, mas com resolução e firmeza, as consequencias, ainda as mais graves, que d'ahi nos possam resultar.

Tem-se feito assim? Inteiramente, não! Hesitações, duvidas, tibiezas, falta de deliberação, umas vezes, outras falha de coesão no proprio governo, impaciencias de uma parte, de outra excessivo e até inconvenientissimo esforço para que se apagasse quanto possivel o significado do compromisso leal e entusiasticamente tomado pelo parlamento, tudo isso causou uma confusão e um estado de duvida que só podem trazer ao paiz dificuldades futuras, das mais graves.

Para este estado perigoso contribue uma propaganda dissolvente que, pela imprensa e por outros meios, se

vem fazendo pelo paiz fóra, e até dentro dos quartéis, contra a marcha provavel de forças expedicionarias para o teatro das operações.

Uns choramingam sobre a sorte futura das mães, sem amparo, e das viúvas enlutadas e dos filhos desamparados. Outros esforçam-se por demonstrar que os tratados de aliança com a Inglaterra não nos impõem a obrigação de concorrer com forças militares em seu auxilio, n'uma guerra que não foi originariamente dirigida contra ela; e os mesmos, ou outros, ainda proclamam carrément que nós não temos nada que ver com o conflito europeu e que o unico caminho que nos convem é o da neutralidade mais completa, á maneira da Hespanha. E todos incitam os soldados a que, se uma mobilisação for decretada, não compareçam, porque a guerra só pode ser declarada pelo parlamento, e o poder executivo não tem semelhante competencia.

E' sabido que são principalmente os reacionarios que fazem esta campanha, que encontra facil acolhimento nos centros menos cultos da provincia, e que, dada a indiferença das autoridades, vae ganhando, de dia para dia, maior alento, ao ponto de hontem se ter chegado á distribuição de manifestos, que a policia teve, finalmente, o cuidado de apreender.

Não nos admira que isto suceda, visto como a tibieza do governo e a sua estranha attitude, em certas circunstancias, pareciam autorisar essa corrente. Mas é da maior conveniencia pôr as coisas nos seus devidos termos e mostrar ao povo, que se tenha deixado suggestionar por essa propaganda de maus portuguezes, que, se as circunstancias nos levarem ao campo da batalha, nós não vamos combater apenas pelos interesses dos outros, mas pelos nossos proprios interesses. Lutar, n'esta hora grave, ao lado da Inglaterra, se ela apelar para o nosso concurso, é defendermo-nos a nós proprios. A Inglaterra vencida, seria a nossa derrota tambem, com a certa derrocada do nosso imperio colonial, com, talvez, o desaparecimento d'esta nacionalidade da carta da Europa, em proveito de ambições que não dormem.

Quer isto dizer que devemos, portanto, ir n'uma impertinente arrancada até ao teatro da guerra, mesmo contra o desejo da nação aliada? Evidentemente que ninguém pretende semelhante loucura. Mas preparemo-nos para o sacrificio, se ele nos for exigido, com a devoção, a firmeza e a galhardia com que em outros lances historicos soubemos honrar as nossas tradições heroicas.

(a)

Foi em 10 de Outubro  
que Sir Ed. Grey  
entregou ao nosso  
ministro em Londres  
um memorandum  
convitando o Gov.  
Port. a sair da sua  
attitude de neutralidade  
e a colocar-se activamente  
ao lado da  
Grã-Bretanha e dos  
seus aliados  
(V. Doc.º pag. 44 e 48)  
Pela qual manda já  
atellhero.

Seculo de 10 Out.  
1914

elle, mas só a admitto como a expressão  
noite e levantada da attitude que tomei  
nos em 7 de Agosto. De os ingleses in-  
sistirem pelos pees, que remedio ha de  
nos dar. lh'as? E depois, continuo a  
pensar que só a Inglaterra é juiz do  
momento em que a nome divisão ha  
de ir. Intendo porém que se fale no  
publico e nos jornaes, de mais e cedo  
na tal divisão.

O Alvaro de Castro procurou-me  
depois disto, em muita case, e con-  
siderou emo grave a nossa partici-  
pação tão desajada na guerra. Refere-  
se as minister de 1792 ~~(1792)~~ Luis Piñer  
de House Coutinho que tambem iustm  
com a Inglaterra por ir nome divisão  
auxiliar ao Sul de France combeter  
a Republica. Em vista desta conven-  
procuramos o Affonso no seu escrito-  
rio, um dia destes, e falámos acer-  
ca das condições militares em que a  
nossa intervenção na guerra devia fe-  
zer-se. Fízamos-lhe a conveniencia  
que havia em que o Congresso nos re-  
unisse para discutir a beligerancia de  
Nacal, antes de entrar em Portugal tal  
o que estivesse encorajado nos es-  
trangeiros. Lembramos varias vezes  
a cerca das relações entre <sup>estes</sup> portugueses e  
ingleses. O Affonso tomou nota. E  
le affirma que foi a Inglaterra que  
nos disse para entrarmos na campanha.  
Fala se na ida de officiaes portuguezes  
a Inglaterra. Puz officiaes sem o capitão

(a)

# PORTUGAL MOBILISA OU NÃO?

## E' esta a pergunta que a todos ocorre

A guerra travada entre os colossos militares da Europa está longe ainda do seu termo, em contrario do que se esperava ao iniciarem-se as hostilidades; e tem ela sido dirigida e executada por uma forma tão contraria ao direito das gentes, violando-se tratados e calcando-se aos pés os compromissos, ainda os mais solenes, que a Alemanha, causadora d'esta terrivel hecatombe, conseguiu não só alhear de si todas as sympathias, mas ainda fazer nascer entre os povos cultos o desejo de que receba na derrota o premio da sua attitude revoltante.

Envolvida n'essa luta, a maior que a Historia regista, encontra-se envolvida a Inglaterra, nossa antiga aliada. Embora afastado do teatro das operações, Portugal não podia ficar indiferente, desde então, ao conflito tremendo.

Assim o compreendeu o parlamento, e, n'uma sessão memoravel, a Inglaterra ponde vêr que o nosso paiz, atentas as obrigações de uma aliança secular, se comprometia a não poupar-se aos maiores sacrificios para cumprir o seu compromisso de honra.

Não recorreu o parlamento a subterfugios, nem a argucias, pretendendo mostrar o contrario do que sentia. O apoio dado á Inglaterra foi incondicional, desde que ela patenteasse o desejo de que com ela cooperassemos.

Quem tomou o compromisso?  
Quem tinha direito de o fazer?  
E como dentro da nossa Constituição politica cada um dos poderes tem a sua esfera de ação, que não é licito ultrapassar, cabia, evidentemente, ao executivo, como delegado do legislativo, efetivar as deliberações tomadas por este ultimo acerca da possível comparticipação de Portugal no conflito europeu.

Fez-se isto?

Que os créditos extraordinarios, abertos no ministerio das finanças a favor do da guerra, sobem já a alguns milhares de contos é positivo; que nos arsenaes, nas fabricas de pólvora, nos depositos de fardamentos e até na industria particular se trabalha com grande azafama, produzindo munições para a artilharia e infantaria, manufacturando fardamentos, beneficiando armamento e equipamento, construindo-se carros destinados á impedimenta, confeccionando pensos, tudo isto é um facto; mas, desde que á imprensa chegam os ecos de todo esse trabalho, onde cooperam centenas de pessoas, e se afirma que é ele destinado ás forças que do paiz terão de sair para o campo das operações da guerra europeia, as estações officias ou acodem desmentindo essas afirmações ou se recolhem a um silencio tão pertinaz que sobressalta toda a gente.

E' d'esta attitude frouxa e dubia na execução da vontade do parlamento que tem resultado o que estamos presenciando. Em vez de em toda a imprensa, sem distincção de côres politicas, se procurar levantar o sentimento nacional, mostrando ao povo que devemos, sem tibiezas ou hesitações, cumprir o que o dever nos impõe, desde que nos seja reclamada a cooperação nas operações da guerra, estimulando ao mesmo tempo o brio do soldado portuguez, como o requebrem os interesses superiores do paiz, creando-se assim uma atmosfera moral que daria a cada um a firmeza de animo indispensavel para se sofrerem as agruras que da cooperação pudessem resultar; em vez de tudo isto vemos discutir-se impertinente e se devemos ou não partir; se os tratados de aliança com a Inglaterra nos obrigam ou não; se os poderes dados pelo parlamento ao governo autorisam essa participação!

Assim se fórma uma depressão moral, no exercito e fóra d'ele, que pode ter as peores consequências.

Todavia, é para estranhar que tantos dos que a essa tarefa anti-patriótica consagram esforços sejam precisamente os mesmos que tanto a miúdo tem ameaçado com a guerra civil,

para satisfação apenas das suas vaidades insatisfeitas ou das suas ambições repudiadas!

Estão n'este caso, afóra certos republicanos desvairados, infelizmente mais numerosos do que seria conveniente, os adeptos mais fervorosos, por convicção ou por interesse, do regimen depositado.

Todos eles não duvidariam lançar o paiz nos horrores de uma guerra civil, como, aliás, os factos comprovam, sem se importarem com o luto que levariam, n'esse caso, aos lares dos que se lançassem na luta, a miseria reservada ás viuvas, a situação terrivel creada aos orfãos. Todos os horrores d'uma guerra fratricida seriam justificaveis para esses senhores. O que para tal gente o não é vem a ser a participação nobre do soldado portuguez n'essa campanha em que se jogam não só os destinos da democracia europeia, mas os nossos interesses maiores, a nossa situação de potencia colonial, e, porventura, a nossa existencia como nação independente e livre.

\* \* \*

Emfim: em que ficamos? Que se faz? Que destino é o nosso?

Toda a gente tem o direito de formular estas perguntas. Noticiou-se, com verdade, que se ia preparar uma divisão expedicionaria para seguir para a França. Que embaraços se levantaram, não diremos á marcha immediata para o teatro da luta, porque isso não depende só do nosso desejo, mas á constituição e treino militar d'esse corpo expedicionario?

Devemos esclarecer que não vão n'estas considerações quaesquer censuras para o sr. ministro da guerra, que tem sido incançavel e jámais deixou de manter, na situação que atravessamos, uma nobilissima attitude. Mas causa estranheza que, alegando-se tambem como razão para não participar do conflito, ainda quando a ele chamados, que o soldado portuguez não está preparado convenientemente, se recue ante o dispendio que resultaria da mobilisação, com sacrificio das vantagens que d'uma instrução mais intensa poderiam ainda colher-se.

Desde que o parlamento votou que puzessemos á disposição da Inglaterra todos os nossos recursos, era para acreditar que nos deviamos preparar para cumprir briosamente o compromisso. Não seria proprio de nós que estivessemos jogando um bluff.

Assim se terá feito, como cremos, no que respeita principalmente á parte material. Mas no que respeita ao soldado? *Dezaramos mobilisado. Pelo contrario, de realisar este ano, pela primeira vez, desde que se decretou a nova organização do exercito, as escolas de repetição, que, afinal, não são mais do que o complemento da instrução do recruta e que este ano deveriam servir de maior aproveitamento do que nos anos anteriores.*

O sr. ministro da guerra, que é um militar esclarecido e de rara energia, sabe tudo isto melhor do que nós.

E' de esperar, portanto, que, vencendo quaesquer contrariedades e os possíveis embaraços de impenitentes defensores de uma neutralidade impossível já agora, ofereça ao paiz a indicação clara e nítida do que as circunstancias impõem.

Posta a situação a claro, desaparecerão, consequentemente, as maldosas instigações e a propaganda dissolvente a que os reaccionarios e alguns republicanos dessorados presentemente se entregam.

E isso será, sem duvida, uma consequencia tão vantajosa que compensará todos os sacrificios.

Seja-nos ainda consentido declarar mais uma vez que não incitamos á participação da guerra, saltando por cima das conveniencias da nação aliada. Nada d'isso! O que pretendemos é que, se nos fór preciso entrar em fogo, o exercito portuguez tenha uma ocasião mais de se cobrir de gloria e de honrar a Patria.

Joens Ferrar, Fernando Freiria e Asambujj Martinis. Estes tres officiaes nem são politicos, nem são pessoas que pelo seus cargos ou cettyonias possam ser accusados de conuener desta ou daquella maneira para a cossa participaçãe ne guerra por este ou aquella maneira.

O Seculo diz hoje o seguinte:

### INFORMAÇÕES

O sr. dr. Afonso Costa, ao ser ouvido pelo chefe de Estado sobre a actual situação politica, prometeu o seu apoio ao governo, mas sustentou que no actual momento só um gabinete com representação directa dos partidos organizados e prestido pelo sr. dr. Bernardino Machado poderia assumir cabalmente todas as responsabilidades da politica interna e externa da Republica.

A cerca do incidente luso-germanico ocorrido nas margens do Rovuma (Africa Oriental), sabe-se que o governo portuguez recebeu, efectivamente, communicação official do facto e que a refrega entre as guarnições dos postos frontelricos, portuguez e alemão, teve origem na suspeita de que o sargento comandante do posto portuguez alentara a rebelião dos indigenas colocados sob a protecção dos alemães.

O governador dos territorios da Companhia do Nyassa tambem deu para Lisboa conta do caso, acrescentando que ordenara um inquerito rigoroso e que espera, em breve, poder telegrafar o resultado d'essa investigação.

É preciso um Seculo desta dia

16 de Outubro

O Seculo publica hoje a constituição dos diferentes elementos da divisaõ expeditioñaria (!!!...) Vide verso

18

O Alexandre Berra fez hoje uma conferencia no theatro Politheama. Não foi feliz quando se metten a dizer que os officiaes quebrariam as suas espadas se fosse material de guerra para Franca e não fosse pessoal. Que maneira que tem os jurisconsultos do meu país em se metterem a falar de cousas de que não entendem.

Lá seguir para Londres a missãõ de officiaes portuguezes (Joens Ferrar, Freiria e Asambujj Martinis)



# A PROXIMA MOBILISAÇÃO

## Constituição dos diferentes elementos da divisão expedicionaria

Indicações já qual deva ser o pessoal do quartel general da divisão e bem assim os nomes da maior parte dos officiaes que o constituem.

Vamos hoje mostrar, em detalhe, qual seja o pessoal, por armas e serviços, que devem formar os elementos da divisão expedicionaria. Na sua composição entram, deprimol-o: uma companhia de sapadores mineiros, uma secção de telegrafistas de campanha, 4 grupos de artilharia, dois grupos de esquadros de cavalaria, 4 regimentos de infantaria, formando duas brigadas, 5 hospitales de sangue, 2 colunas de transporte de feridos e 3 colunas de hospitalisação; uma columna de munições, uma columna de viveres e dois grupos de metralhadoras.

A companhia de sapadores mineiros, que será comandada pelo capitão sr. Ruy Frazoso Ribeiro, tem o seguinte estivo: 5 officiaes, 261 praças, das quaes 13 sargentos, 47 solpedes e 7 viaturas.

Secção de telegrafistas de campanha, do comando de um tenente, e 30 praças, das quaes 11 sargentos; 20 solpedes e 8 viaturas.

4 grupos de artilharia de campanha: 80 officiaes, 2.040 praças, das quaes 148 sargentos; 2.164 solpedes e 245 viaturas.

2 grupos de esquadros: 37 officiaes; 765 praças, das quaes 40 sargentos; 772 solpedes e 17 viaturas.

2 brigadas de infantaria: 6 officiaes, 26 praças, 26 solpedes e 2 viaturas.

4 regimentos de infantaria a tres batalhões: 272 officiaes, 12.343 praças, das quaes 385 são sargentos, 672 solpedes e 184 viaturas.

5 hospitales de sangue: 35 medicos, 245 praças, 125 solpedes e 35 viaturas.

3 colunas de hospitalisação: 12 officiaes e 84 praças, 162 solpedes e 27 viaturas.

2 colunas de transportes de feridos: 2 officiaes e 252 praças, 116 solpedes e 13 viaturas.

Uma columna de munições, estado maior e menor dos dois escalões, 10 officiaes, 41 praças, 62 solpedes e 6 viaturas; duas secções de munições de infantaria: 6 officiaes, 208 praças, 222 solpedes e 74 viaturas; secções de munições de artilharia: 9 officiaes, 240 praças, 256 solpedes e 35 viaturas.

Uma columna de viveres: 23 officiaes, 871 praças, 964 solpedes e 112 viaturas.

2 grupos de metralhadoras: 12 officiaes, 176 praças, 80 solpedes e 28 viaturas.

E, porém, possível que na constituição da divisão expedicionaria se não hajam observado com todo o rigor os principios estabelecidos no regulamento de mobilisação, elevando os efectivos em alguns elementos e diminuindo n'outros; mas ainda, dada esta hypothese, essas alterações não devem modificar em demasia os numeros acima escritos, que dão um total de: 572 officiaes e 17.611 praças, ou 18.282 homens; 5.658 solpedes e 83 viaturas.

### Officiaes que fazem parte da expedição

Como hontem dissemos, os regimentos de infantaria da primeira divisão serão comandados pelos coronéis srs. Boaventura Noronha e Pedro de Lima, respectivamente, dos n.º 2 e 5.

Dos regimentos da setima divisão, um será comandado pelo coronel do 22 sr. Rosa Alpedrinha.

Não sendo cada um dos regimentos de infantaria da divisão constituído pelos seus tres batalhões, o estado maior e a bandeira serão dados pelo regimento que mobilizar dois batalhões.

Uma das brigadas de infantaria será comandada pelo coronel sr. Pinto da Rocha, inspector da primeira divisão do exercito, que terá como major da brigada o capitão do estado maior sr. Helder Ribeiro.

Da segunda brigada será major o capitão do estado maior sr. Pires Monteiro.

Um dos ajudantes de campo do general sr. Jaime de Castro é o capitão de infantaria sr. Vaz Velho da Palma.

A artilharia, como dissemos, é constituída pelos grupos dos regimentos n.º 1, 2, 3 e 4. Só os tres primeiros regimentos mobilizam as tres baterias; o quarto grupo é formado por duas baterias de artilharia 8 e uma de artilharia 5, de Vila do Castelo.

Os capitães comandantes dessas 12 baterias serão os srs. Varela Garcia, Girão, Costa Salgado, Monteiro, Santos, Macedo, Teixeira, Temudo, Silva Cortez e Valdez.

As metralhadoras são representadas pelos grupos n.º 1 e 7, sendo o primeiro comandado pelo tenente coronel Valção dos Santos.

As unidades mobilisadas concentrar-se-

hão em Mafra, Caldas da Rainha, Vendas Novas, Tancos e Torres Novas.

Das colunas de munições é comandante do 1.º escalão o tenente coronel Cabral de Quadros e do 2.º o major Lobo Ramalho, fazendo parte das colunas os tenentes do quadro auxiliar Fortes e Reis Vitoria. O tenente coronel, reformado, de Moçambique Anibal Machado ofereceu os seus serviços, embora como interprete, para seguir com a expedição.

### A missão em Londres

A missão de officiaes do estado maior, composta dos srs. Ivens Ferraz, Fernando Freiria e Azambuja Martins, que vai a Londres avistar-se com o estado maior do exercito inglez, a fim de tratar de assuntos que se prendem com a partida da divisão, occupar-se-ha tambem do modo de se efetivar o transporte das tropas, que deverá ser feito em navios inglezes. A partida da missão efetuar-se-ha amanhã ou depois.

### Aquisição de material

Hoje estiveram no ministerio da guerra diversos representantes de casas commerciaes, que ali foram tratar do fornecimento de automoveis, projectores, etc. pois que, como já aqui o dissemos, as forças expedicionarias irão dotadas com todos os elementos indispensaveis para o desempenho da sua importante missão.

### Agasalhos para os nossos soldados

Teve um excelente acolhimento o apêto dirigido pelo *Seculo* á mulher portugueza, para se tratar da confecção de artigos de agasalho para os nossos valentes soldados, o que demonstra bem as excelentes qualidades do nosso povo, o seu altruismo e amor patrio.

E que não foi debalde que nos dirigimos a todos em geral, supplicando a quotisação para aquele simpatico fim, prova-o a importante oferta feita hontem ao general sr. Pereira d'Eca por um grupo de commerciantes. Este grupo deu conhecimento ao ministro da guerra que vai ser aberta uma grande subscrição entre o comercio de todo o paiz, a fim de se adquirirem agasalhos d'inverno para as forças que terão de partir para o teatro da guerra, que deve realisar-se exactamente na quadra mais fria do ano.

O ministro da guerra aceitou a generosa oferta e a pedido da comissão indicou-lhe quaes os artigos que se devem adquirir de preferencia. Digna é de todos os louvores a iniciativa do comercio, que veio assim pôr-se ao lado do *Seculo* n'este empenho patriótico para que aos nossos soldados coisa alguma falte.

—As listas da subscrição aberta pela Loja Elias Garcia para se adquirirem donativos para a compra de agasalhos encontram-se nos seguintes locais: Rua da Madalena, 233, 239 a 243; rua da Palma, 120; rua Augusta, 172; rua do Ouro, 49; rua da Betesga, 40; rua do Ouro, 476; rua de S. Julião, 48, 1.º; Germano de Sousa, Alto do Pinar; rua dos Panqueiros, 72 a 76; rua da Prata, 24 a 28; rua do Marquez de Ponte de Lima, 10 e 23; mercado 21 de Julho, 10, e rua de S. Cristovão, 1 e 3, 10 e 25.

### Os serviços medicos da expedição

E' de noventa e seis o numero de officiaes medicos que devem fazer parte da expedição, já constituído o serviço dos hospitales, já incorporados nas unidades. Como se deva contar com igual numero para reserva e atendendo ainda que é preciso não deixar ao abandono o serviço medico militar do exercito, serão insufficientes os medicos do activo, devendo, pois, partir tambem na divisão medicos milicianos.

Dizia-se mesmo hontem que o ministerio da guerra aceitará o ofrecimento de medicos milicianos que desejassem ser incorporados.

### Interesses portuguezes na Alemanha

Após a declaração da belligerancia entre Portugal e a Alemanha, os interesses portuguezes n'aquella paiz serão confiados á guarda dos diplomatas e consules brazileiros.

### Conferencias patrioticas

O Partido Republicano Portuguez inaugura a serie das suas conferencias patrioticas a propósito da breve partida de uma columna expedicionaria portugueza para o teatro da guerra, no proximo domingo, pelas 11 horas, no teatro Politeama. O conferente é o grande orador e parlamentar sr. dr. Almeida Braga.

### A reunião do Congresso

A reunião do Congresso realisar-se-ha na

proxima quarta-feira, 21. Assim ficou hontem resolvido entre o sr. presidente da Republica e o chefe do governo, depois de ouvidos os chefes das diversas facções politicas, chamados a casa do sr. dr. Bernardino Machado para entre si assentarem no dia em que devia realisar-se a reunião.

Os primeiros a serem ouvidos pelo presidente do ministerio foram os srs. drs. Antonio José de Almeida e Afonso Costa e mais tarde o sr. dr. Brito Camacho.

Depois do que o sr. dr. Bernardino Machado se poz em comunicação telefonica com o sr. dr. Manuel d'Arriaga, dando-lhe parte das conferencias havidas e d'onde resultou ser fixado o dia para a reunião.

O respectivo decreto de convocação deve ser hoje ou amanhã publicado no *Diario do Governo*.

E' provavel que as sessões das camaras se não prolonguem por mais de tres dias, visto que as primeiras sessões da camara dos deputados e do senado serão destinadas a simples declarações por parte do governo—do que tem sido a sua orientação em materia de politica internacional e á leitura da nota ingleza—e dos chefes dos agrupamentos politicos, definindo a attitude dos seus partidos.

Assim, só no segundo dia a camara poderá apreciar as propostas de lei que o governo lhe tentona apresentar, sendo reservado o terceiro dia para a apreciação das emendas que o Senado, porventura, lhes queira introduzir.

20 de Outubro

lieutenant de Marine. O tenente de Cavalle-  
 ria Constantino, do deposito de remonta, revolu-  
 cionou alguns soldados e foi com elles e  
 com duas galeras carregadas de armas, na  
 direcção de Torres. A municipi, parece que  
 quasi todos os soldados adheriram, mas de-  
 pois sentiam-se tralados e ficaram na  
 sua maior parte. — Em vista destes factos  
 houve um conselho de officiaes convocados  
 pelo 2.º commandante da Esquadra (o 1.º com-  
 mandante estava em Lisboa) Na <sup>tarde</sup> ~~noite~~ que  
 se resolveu neste conselho. Intubando em  
 casa do capitão Alvaro Pope, commandante  
 do deposito de remonta, reuniam-se os capi-  
 taes Oliveira Gomes; Lobo (de esq.) e Naul  
 Loureiro, e deliberavam sair em persegu-  
 cao dos revoltos. Como a reunião destes  
 elementos levou tempo a apparecer, o Po-  
 pe foi falar ao 2.º commandante, e desta  
 conversação resultou um 2.º conselho de offi-  
 ciaes. Por proposta do que já tinha deli-  
 berado marchar em perseguição, lá se ven-  
 deu reunir o pessoal que havia, armel-  
 com as poucas espingardas que ficaram  
 e com os poucos cartuchos que havia  
 na ceneira de Tris — os revoltos tinham  
 levado todas as munições que poderiam  
 apanhar — e metter no em galeras  
 do deposito de remonta, levando por  
 escaudados uns homens deste deposito  
 a bordo. Assim se fez. Um pelotão <sup>de 21 homens</sup> fi-  
 cou por em porque não havia nestas gale-  
 ras, mas marchou depois, sob o comman-  
 do de um cabo (!) — por iniciativa dos

justiças piores. Os officiaes da Escola pre-  
saram . . . . . seguiu-se o combate perto de  
S. Pedro da Cadeia em que morreram dois  
dos nossos, tendo de retirar por falta de  
cartuchos. Distinguiu-se o commandan-  
te, capitão Oliveira Gomes e o Tenente Náu-  
ne. O 2.º commandante de Escola é  
o major Machado que eu dei comman-  
dar inf. 13 durante muito tempo. Tem  
na escola o alcumbe de "bailarino". Quan-  
do partiu a força em peregrinações du-  
lhes: vejão lá, olhem que afinal são  
nossos irmãos. Jogou-se de porta valen-  
tamente.

Eu não soube de nada senão ao meio  
dia em Queluz, ao regresso do campo. Quando  
fui de Lisboa, notei que o comboio seque  
atrasado meia-hora talvez, mas ninguém  
me disse que tivesse havido causa extraordi-  
nária na provincia ou nas linhas. Afinal  
tinha sido levantada ou detida a linha  
adeante do Cacem. Seriam 11 horas e . . .  
quando o Grupo recebeu ordem para apertar  
o 1 e . . . quando entrou frente a uma baté-  
ria (tudo o que pôde dar).

24

Tem se effectuado prisões por causa do caso  
de Mafra. O tenente Constantino Com de  
D'Almeida de remonte

O ministro da guerra mandou pedir as  
jornaes, por intermedio do governador civil  
para não publicarem mais nada so-  
bre a projectada mobilização. Vem a  
tempo!

A ordem do ex.º de hontem, n.º 23

Muito elucidativa a nota que o ministro dos  
Estrangeiros, Freire d'Aurade, enviou em 26 de  
Outubro ao novo ministro em Londres (Fei-  
reira Gomes), e que pode ler-se a pag.  
65 e seq.<sup>tes</sup> do "Doc. apresentados ao Congresso  
da Rep. em 1920"

de 1.ª serie e' muito curiosa. Trae só o decréto  
para julgar os honras de Mepe. Que uni-  
seria! É uma sentença de juiz, não é um de-  
creto. É br. — Foi preso em alhandra, dis-  
fresado de selois, o Dr. Pacheco Soares, advo-  
gado e chefe civil do movimento de Mepe.

26

Acabo de saber que foram 20.000 annas  
Mauser. Veyvem para o Cabo de Boa Esperan-  
ça e 12 milhões de cartuchos. Acho bem.  
É o que diz agora o Alcaide Prope a res-  
peito dos officiaes que harem a espada? Incon-  
venientes da matonia que faz com que se di-  
gam cousas a mais...

O Diario de Noticias de hoje trae uma  
carta de Bordos, de Xavier de Carvalho em  
que muito espantado diz que tendo escrito um  
artigo para a "Guerra Social" de Gustave  
Hervé, elle foi supprimido inteiramente de  
lé-a-lé. No jornal vi haem duas colunas  
em branco e no fundo a assinatura de Xavier